



A agrofloresta do UVAIA: relato de um espaço de aprendizado e contestação

The agroforestry of UVAIA: report of a learning space and defence

DA ROCHA FERREIRA, Lucas¹; AYRES, Gustavo²; PINHEIRO SIAS, Yuri³; POSTINGHER
ARTUSO, Tiago⁴

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), lucas.agronomia@yahoo.com.br; 2
UFRGS, gustavo.ayres@gmail.com; 3 UFRGS, yuripsagronomia@yahoo.com.br; 4 UFRGS,
tiago.artuso@ufrgs.br

Resumo: Esse resumo apresenta o relato da experiência na agrofloresta do grupo UVAIA de Agroecologia, sediado na Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O relato descreve a área experimental, onde o grupo maneja um agroecossistema complexo, promove discussões sobre Agroecologia e contesta o modelo de produção agrícola dominante. O trabalho tem como objetivo contribuir no registro e na sistematização das experiências vividas pelo grupo e divulgá-las para troca de conhecimentos.

Palavras-Chave: construção de conhecimentos; troca de experiências; extensão universitária.

Abstract: This summary presents the account of experience in the agroforestry of UVAIA group of agroecology, based in the Agronomy College of Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). The report describes the experimental area, where the group manages a complex agroecosystem, promote discussions on Agroecology and challenges the dominant agricultural production model. The work aims to contribute for the record and in the systematization of experiences by the group and release them for exchange of knowledge.

Keywords: construction of knowledge; exchange of experiences; university extension.

Contexto

Quem atravessa a estreita estrada de asfalto que cruza a Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao passar pelo Restaurante Universitário, vê à esquerda uma área de “mato”, cercada, onde aparentemente as plantas crescem de forma caótica e desordenada. Passam diariamente pelo local os estudantes de graduação, pós-graduação, professores-pesquisadores e funcionários da Faculdade. A grande maioria caminha em frente à área sem a curiosidade de cruzar o portão de entrada (que está sempre aberto) para ver o que há lá dentro.

Na realidade, o “mato” é a agrofloresta manejada por estudantes do grupo UVAIA de Agroecologia, e a vegetação que cresce “desordenada” sobre a cerca esconde um local de vivências, aprendizados e onde se constrói outras formas de relação com as



plantas, com as pessoas e com a produção de alimentos. A partir de uma breve incursão sobre a agrofloresta do UVAIA, esse trabalho busca alcançar dois objetivos: o primeiro é utilizar o relato como forma de registrar a memória e as ações do grupo; e o segundo é refletir sobre os desafios que se impõem à construção de outras formas de se fazer e pensar a agricultura em um ambiente de disputa política tão conservador como a Faculdade de Agronomia.

Descrição da experiência

Os manejos e implantação do Pomar Agroflorestal ocorrem desde o ano de 2005 na área de 0,4 hectares, que tem como histórico de sobrepastejo de equinos, e o depósito de resíduos de aterro. Localizado às margens do Arroio Diluvio, o espaço é atingido por inundações anuais e é suscetível a erosão. O desafio que se colocou ao grupo foi de recuperar a área e transformá-la em um espaço de experimentação e de possibilidades alternativas de se fazer agricultura.

As primeiras intervenções na área foram: análise de solos; divisão de seis parcelas com diferentes manejos; a análise florística; e a semeadura de espécies de adubação verde no outono de 2006, acompanhada de roçada e gradagem. Sob o projeto intitulado de “Implantação e manejo de um pomar conduzido em Sistema Agroflorestal composto por espécies frutíferas nativas do Sul do Brasil” o grupo iniciou o manejo da agrofloresta. No centro do espaço, foi delimitado um quadrante para o plantio de mirtáceas nativas como a pitangueira (*Eugenia uniflora*), a cerejeira-do-rio-grande (*Eugenia involucrata*), e a grumixameira (*Eugenia brasiliensis*), intercaladas com espécies de adubação como o ingá (*Inga sp.*), fedegoso (*Senna occidentalis*), timbó (*Ateleia glazioviana*), timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum*) e a grandióva (*Trema micrantha*), além de madeiráveis como o angico vermelho (*Parapiptadenia rigida*) e o cedro (*Cedrela fissilis*).

Em atividades com calouros, eventos, oficinas, mutirões de plantio, a área do entorno do Pomar também foi utilizada com a introdução de frutíferas de interesse agrícola, além da introdução de outras espécies nativas, espécies medicinais,



aromáticas, melíponas, plantas alimentícias não convencionais, cultivos anuais e de adubação verde.

Hoje, quem se arrisca a entrar na agrofloresta do UVAIA, ao passar o portão de entrada encontra um ambiente diverso e complexo, completamente diferente do potreiro de nove anos atrás. O Pomar de mirtáceas está adensado com bananeiras, feijões e abóboras nas entrelinhas. Algumas frutíferas, como a goiaba serrana, araçá, limões já começam a dar frutos, as espécies florestais de adubação e madeiráveis cresceram e suas copas compõem um estrato vertical acima das frutíferas, o que já confere uma fisionomia de floresta à área.

Na borda direita de quem entra na área, um quebra vento de capim elefante protege uma espiral de ervas medicinais, bem como um pequeno pomar de plantas cítricas. Na margem que acompanha o fluxo do arroio, o ambiente bastante sombreado, se caracteriza pela ocorrência de alta densidade de mudas de palmeiras juçara que emergem em meio às bananeiras. A bananeira, aliás, é uma das espécies mais produtivas da área, em contrapartida, as juçaras entraram em produção pela primeira vez, nesta safra de 2014-2015.

Na margem esquerda, talvez a área menos manejada, há uma profusão de plantas que nascem em baixo de um antigo ingazeiro. Há também nessa faixa, plantas de bananinha-do-mato e espinheira-santa, que são colhidas (os frutos e folhas, respectivamente) para utilização em chás, xaropes e ou outras bebidas. Por fim, a margem paralela a estrada do campus é marcada por uma extensa mancha de bananinha-do-mato e uma mancha de capim-elefante. Neste local, destaca-se uma planta de araucária com 5 anos. Na cerca crescem diferentes espécies espontâneas, sobretudo soja perene, além de trepadeiras como maracujá e batata cará.

O processo de sucessão ecológica, vem ocorrendo não só na medida em que as espécies arbóreas vão crescendo e modificando o ambiente propiciando condições para o cultivo de outras espécies, mas também na medida em que o grupo se modifica e novos estudantes entram para o processo e passam a manejar a



agrofloresta. Esse ecossistema está em constante construção e reconstrução e depende, para além das contingências de clima, solo, fauna e flora, da organização e atuação dos estudantes.

Para o ciclo atual de pessoas que integram o grupo as atividades de manejo que se impõem são as podas das espécies madeireiras para a entrada de luz no sistema e o crescimento das espécies frutíferas que crescem num estrato abaixo. A inserção e o plantio de novas espécies também são urgências para construção de um sistema agrícola que se mostre produtivo e seja compreendido pela comunidade da Faculdade como possibilidade concreta de cultivar alimentos e se relacionar com a natureza. Em um ambiente tão imbricado no modelo industrial de produção, mostrar que os sistemas ecológicos são tão produtivos quanto monocultivos é imprescindível.

Resultados

O espaço construído pelos diferentes ciclos de integrantes que já passaram pelo UVAIA é um lugar de construção de conhecimentos e de troca de experiência em Agroecologia e no manejo agroflorestral, onde foram realizados inúmeros encontros, aulas de disciplinas obrigatórias e eletivas, reuniões, oficinas, mutirões e momentos de vivências. Diversos estudantes de outros cursos participam de atividades na agrofloresta, o que contribui também na consolidação do espaço como local que integra o movimento estudantil da Universidade e de onde emanam reivindicações de transformação no sistema de educação e na relação da instituição para com a sociedade em um sentido mais amplo.

A agrofloresta já serviu como apoio para a construção de três seminários sobre Sistemas Agroflorestais organizados pelo grupo UVAIA, do Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia (CONEA) que ocorreu em Porto Alegre no ano de 2008, assim como uma vivência do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, organizado em 2013. Nesse sentido, não é exagero afirmar que o espaço é um “laboratório vivo” que serve como lugar onde os estudantes podem praticar os conhecimentos teóricos, e aprendem ecologia, botânica, manejo de plantas.



Para além das experiências agronômicas de manejo da área, do aprendizado de manejo de cada espécie e das interações ecológicas entre elas proporcionadas pela constituição de um sistema complexo, as ações realizadas na área procuram sempre valorizar o trabalho coletivo e proporcionar momentos de trocas de experiências e conhecimentos entre os integrantes. Ademais, esse é um espaço de contestação, onde se discutem política, sociologia e outros temas para além do currículo formal das disciplinas do curso de agronomia. O grupo procura desenvolver atividades referentes a novas formas de se fazer agricultura e à utilização de plantas que não são usuais aos que seguem os manuais de recomendação técnicos de produção agrícola.

Nessa disputa política, aliás, que residem as maiores questões que se impõem ao grupo: de um lado, é preciso colocar energia no manejo das plantas para gerar conhecimentos e seguir no caminho da construção de formas diversificadas de agricultura; e de outro lado, no entanto, é preciso sair e enfrentar questões mais amplas que dizem respeito às concepções de agricultura inseridas nas grades curriculares e no sistema político-econômico vigente.

A partir do enfrentamento dessas questões, que emerge um dos maiores desafios do grupo, fazer com que mais pessoas cruzem o portão.